

AUTORAS: Denise F. Casara e Flávia Bernardi

TÍTULO: A sombra da fragilidade: o mal-estar e a maldade na humanidade

La sombra de la fragilidad: el malestar y la maldad en la humanidad

Introdução

A ideia deste trabalho é falar sobre a fragilidade humana - bem como a maldade que pode nascer dessa dita fragilidade. Nos tempos sombrios vividos atualmente, não é exagero dizer que a crueldade está cada vez mais próxima, mais frequente e mais intensa: são situações que não tem exatamente uma relação direta com o que, convencionalmente, chamamos de “criminalidade” (no sentido jurídico), mas são marcadas por acontecimentos que revelam um ser humano incapaz de conter impulsos primitivos, tendo atos violentos que, às vezes, passam ao largo da lei... e destroem vidas.

A história mostra que não se trata de fenômeno recente. No Livro IX da República, Platão descreve o “homem tirânico”: violento, incapaz de adiar a satisfação de desejos, capaz de cometer atrocidades em nome de prazeres e interesses próprios. Escrevendo no século IV a.C., ele já questionava se a dificuldade de conter impulsos agressivos derivava da falta de civilização ou de algo intrínseco à natureza humana.

Séculos depois, seguimos perguntando: se a civilização seria o meio de domesticar impulsos agressivos, por que não conseguimos avançar significativamente nessa tarefa? No cotidiano, vemos uma sequência inquietante de feminicídios, filicídios, assassinatos com requintes de crueldade e violências praticadas em ambientes domésticos, escolares e profissionais. Na clínica psicanalítica, a agressividade aparece segundo a singularidade de cada sujeito, mas no campo social a violência contra crianças, mulheres, idosos e minorias permanece como ferida aberta.

Joel Birman aponta que o sujeito contemporâneo vive uma auto exaltação individualista no “mundo espetacular fosforescente”, que reduz drasticamente a solidariedade. Birman diz: “Cada um por si e foda-se o resto”, parece ser o lema maior que define o ethos da atualidade, já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado. A solidariedade seria,

assim, o correlato de relações inter-humanas fundamentadas na alteridade. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade.” (BIRMAN, J. p. 25)

Freud e tantos outros pensadores (da cultura e da psicanálise), colocaram a agressividade no centro da constituição psíquica, situando o homem como albergador da violência e da agressividade: afirmando que é dentro do próprio psiquismo que essa força nasce e se cria. Considerar isso faz com que afastemos o desfecho simplista de endurecer as ações policiais, o enrijecimento da legislação penal e da Justiça e passemos a considerar outros fatores que contribuem para que tantas fragilidades humanas apareçam.

O medo infantil e inconsciente leva muitas pessoas a buscar garantias em líderes que prometem proteção, mesmo que sustentem seu poder com ameaças e uso de armas. Esse desamparo estimula defesas que transformam a diferença em ameaça, autorizando a destruição do outro.

O desamparo não decorre apenas da longa dependência infantil, mas também da pulsão de morte e da consciência da própria mortalidade. Atualmente, com um mundo horizontalizado e a função paterna declinada, é comum o sentimento de estar, grande parte do tempo, à mercê de violências presenciais ou virtuais. Na atualidade, os mecanismos narcísicos (tais como a negação, a onipotência, a necessidade de triunfar sobre o outro) desencadeiam violências e descortinam ainda mais a problemática do desamparo existencial. As violências atuais também podem ter relação com o declínio do masculino, que ao tentar recuperar o lugar fálico patriarcal se torna violento.

Em Totem e Tabu, Freud reconhece que a violência está na base do laço social. Existe uma “violência necessária” para a diferenciação e o desenvolvimento, mas é fundamental que essa força encontre simbolização. Sem mediação, ela tende a se manifestar como ato puro, sem elaboração, muitas vezes travestido de busca por “paz” pessoal. Freud já havia percebido que, paradoxalmente, a guerra pode ser vista como meio de alcançar uma “paz perene”. No plano narcísico, eliminar o outro que frustra ou ameaça parece, para alguns sujeitos, um caminho para restaurar

equilíbrio interno: “se minha sogra sumir, terei paz”; “se eu humilhar meu rival, ficarei em paz”; “se meu filho morrer e minha ex esposa sofrer, me sentirei vingado”... Essa “paz”, óbvio, é ilusória, pois está fundada na negação radical da alteridade.

Entendemos que resolver um conflito atuando com violência seria decorrente de uma energia que não se ligou: a descarga seria simplesmente agredir o outro porque o eu não conseguiria nomear o que sente - e também porque não suporta a alteridade: mato para ter paz porque é o outro que me mostra que não sou onipotente e não suporto isso. São situações onde o Eu não vê possibilidade de fazer a ligação e, como a pulsão não tem qualidade, será ele (o Eu) que precisa se desenvolver e dar conta dessa energia (que está sempre buscando descarrega).

Três cenas clínicas e sociais: violência em ato.

Cena 1: Parque infantil, praça pública, 15h de uma 3a feira. Sobre uma mureta, resistindo para ir embora, a criança recebe da sua mãe um puxão no braço que lhe arremessa no chão, seguido de vários tapas no rosto. A menina, que não devia ter mais que 4, esboça um choro, mas em seguida cessa e anda atrás da mãe que, com passadas enérgicas, afasta-se do local.

“Se minha mãe faz isso aqui, deve ser assim mesmo a vida; se ninguém faz nada, parece ser mesmo permitido. Ao não ter como se defender do ato, como fica o registro da criança em relação à violência e aos vínculos? Como esse ato ficará registrado no aparelho psíquico: como violência naturalizada, modelo de identificação, via facilitada da agressão, descontentamento, frustração? Masoquismo?

Cena 2: Igor pega uma bala da sua irmã menor. A mãe descobre, bate nele com um cinto de couro, amarra ele sobre um conjunto de gravetos e diz que da próxima vez que “roubar” algo dentro de casa, ela vai colocar fogo ali e deixá-lo “cozinhar que nem churrasco”. O menino tem em torno de 6 anos, e fica nesta posição por pelo menos 3 horas. O pai assiste boa parte da cena e não toma partido.

‘Minha mãe é tão poderosa que ninguém consegue pará-la?’ A realização de um desejo pode gerar consequências tão catastróficas como a morte? A linguagem familiar é essa: institui-se assim? Se fosse uma cena isolada, também marcaria

tanto, dada a intensidade? O sujeito passa a acreditar que seus maus atos causam e justificam aquela violência toda?

Cena 3: Parada numa esquina, uma jovem, de pouco mais de 20 anos, se sente envergonhada ao escutar a música com termos sexuais explícitos, vindos de um carro que está a sua frente. Volume altíssimo, vidros abertos e os ocupantes do veículo cantando os trechos ofensivos da canção olhando para ela.

‘Vivo numa sociedade onde sou intimidada e inferiorizada no meio da rua e ninguém me protege. Escuto uma ameaça-cantada, um xingamento misógino disfarçado de música e a polícia, do outro lado da calçada parece nem escutar, enquanto as pessoas ao meu lado, dividem-se entre as que também se ofendem e se assustam com outras que banalizam os termos inadequados para serem proferidos fora de um ato sexual (consentido para aquilo acontecer). Aqui aparece o desamparo produzido pela violência social, da falta de ‘ligação’ deste outro que ‘ataca’ pela sua incapacidade de conter sua demanda pulsional: possivelmente autorizado pelo discurso machista que, violentamente, autentica o desejo do macho como algo que pode irromper o psiquismo sem passar pela ‘alfândega’ do recalque.

Aproveitamos essas cenas para questionar-nos acerca de algumas proposições: o que o sujeito faz quando a agressividade não consegue ser enlaçada com a palavra, sublimada, descarregada sem violência, transformada? O que um sujeito pode fazer quando é atacado violentamente, como se não existisse? A violência vinda do outro é tão intensa que, além de não ser continente com os impulsos infantis agressivos, ainda não oferece subsídios para encontrar um novo destino e nem para identificar-se com novos modelos (não violentos)?

Platão já alertava para a “tirania de Eros”: o homem dominado por paixões é incapaz de tolerar desprazer (medo e angústia) e frustrações. Em 1932, Einstein perguntou a Freud se seria possível livrar a humanidade da guerra. Freud respondeu que a lei, embora necessária, é também forma de violência — a força da comunidade voltada contra o indivíduo. A agressividade humana, para Freud, carrega uma hostilidade que vai além da autopreservação, marcada pelo egoísmo e pela satisfação sexual primitiva, sem consideração pelo sofrimento alheio.

Na cultura atual, aspectos narcísicos — como o triunfo sobre o outro e a paranoia, que vê inimigos em qualquer diferença — alimentam a escalada de agressões. Micheline Enriquez, no seu livro ‘Nas Encruzilhadas do Ódio’, associa isso ao ódio primitivo, às pulsões de morte e à relação ambígua com o corpo materno, onde amor e destruição se confundem: “... para o Inconsciente, destruir o mundo equivale a destruir a mãe ou, inversamente, ver-se destruído por ela. O fim do mundo é a invasão por uma violência pulsional que visa apenas a possessão-destruição do objeto e mobiliza moções de amor e de ódio totalitárias com respeito ao corpo materno” (Enriquez, M. p. 23)

Seguimos pensando nesta fragilidade, nas polarizações e representações na cultura, e trazemos a série inglesa *Adolescência* (2025), que ilustra a fragilidade humana no ambiente virtual. Jamie, personagem central, mata uma colega por se sentir humilhado por ela nas redes sociais. A série contrasta-se com o relato de José Mauro de Vasconcellos, escritor brasileiro que, em seu: *Meu pé de laranja-lima*, romance autobiográfico, conta os sofrimentos infantis, diante das surras dos irmãos mais velhos e do pai que quase o mataram, e como pode transformar violências infantis em literatura e vínculos afetivos graças à força da palavra e das relações - que foi, exatamente, o que faltou para Jamie. A trilha sonora da série, *Fragility* de Sting, repete: “How fragile we are”, ecoando o tema central: “O quão frágeis somos!”, “Que frágeis somos!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A questão da agressividade e da violência se faz central: seja no cotidiano, na clínica e também teoricamente. O tema proposto por este Congresso convoca para que ricas trocas sejam tecidas: sobre a vida do dia-a-dia, sobre a clínica e a psicanálise (seus shibollets que permanecem e outros conceitos que podemos ampliar) e também sobre a atualidade (violência). No social, a violência perpetrada contra crianças, mulheres, idosos e minorias, não pode deixar de nos abalar enquanto cidadãos e seres pensantes em nosso ofício, implicados com questões da atualidade. A cultura narcisista dos tempos atuais, sublinhada/marcada pelas redes sociais e pela necessidade de “likes”, dificulta que o Eu possa reconhecer o seu desamparo e lidar com a alteridade e as diferenças.

A nossa fragilidade não narcisizada o suficiente - fruto da insuficiência das garantias primárias necessárias -, ou a nossa fragilidade excessivamente narcisizada - com a falência da função paterna, que não dá contorno para a realidade e percepção do outro -, mantém o totalitarismo das formas de amar (paixão e ódio assassino), mantendo a polarização dos afetos vigentes.

Freud nos aponta um caminho ao dizer que o ódio é mais antigo que o amor e aparece na diferenciação entre o Eu e Não-Eu. A psicanálise situa a agressividade na base da constituição do eu e na sua relação com os objetos: ela não nega sua existência, inclusive afirma que ela faz parte do humano, do libidinal. Desde o início da psicanálise, Freud ressalta a importância da palavra. Em 'Tratamento Psíquico' texto de 1890, ele vai dizer: "Palavras são bons meios para provocar transformações anímicas naquele a quem elas são dirigidas, e por isso não soa mais estranho quando se afirma que a magia da palavra pode afastar manifestações da doença, ainda mais aquelas que se originam em estados anímicos." (1890, p. 31). Acreditamos que a palavra oferece uma possibilidade de mediação simbólica, bem como concordamos com a psicanálise que afirma que essa mesma agressividade, nas origens constitutivas do ser humano, também pode ser enlaçada e encontrar outro destino que não o da atuação. Lacan, no Seminário 5 diz: "O que se pode produzir em uma relação inter-humana é a violência ou a palavra", isto é: nas relações humanas, produzimos ou a violência ou a palavra — e não as duas ao mesmo tempo.

Que fragilidade é esta que nos habita e nos move? Que força é esta que nasce do íntimo e, ao mesmo tempo, ameaça o mundo? Nosso desafio é fortalecer recursos psíquicos e sociais que permitam à energia pulsional se ligar a sentidos compartilháveis, possibilitando que a força vital se traduza em criação, e não em destruição - apesar da sombra da violência dos Tempos Sombrios : seguir acreditando na possibilidade de destinos transformadores com a mediação da palavra - e da arte como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?/ apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus Santa Maria: FADISMA, 2005. (<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05620.pdf>)

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade - A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

ENRIQUEZ, Micheline. Nas Encruzilhadas do Ódio - Paranóia - Masoquismo - Apatia. SP: Editora Escuta, 1999.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Tratamento psíquico (ou anímico). In: Obras Completas – Edição Standard Brasileira, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; (tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PLATÃO. A República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002 (Trad. Enrico Corvisieri).

VASCONCELOS, J. M. O meu pé de laranja lima. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.